

**Pesquisadora avalia prática educativa de ONG em São Paulo e constata erros semelhantes**

# ‘Entre meninos e tambores’ discute educação não-formal

MANUEL ALVES FILHO  
manuel@reitoria.unicamp.br

**Pesquisa vira tema de instalação de arte**

A pesquisa de Luciane Vieira Palma junto à Associação Meninos do Morumbi (AMM) mereceu uma “interpretação plástica” por parte da artista Pama Loiola. A exposição, intitulada “Entre Meninos e Tambores”, é composta por diversas instalações e foi inaugurada por ocasião da defesa da dissertação de mestrado. “Trata-se de uma obra aberta, sujeita a variadas interpretações por parte do observador. Minha preocupação foi criar um espaço cênico contendo códigos que traduzissem o trabalho acadêmico”, explica a artista, que foi apresentada a Luciane por meio da professora Maria Teresa Eglér Mantoan, orientadora desta última.

Pama Loiola conta que teve total liberdade para criar a exposição. Nas instalações, ela se valeu de materiais como fotografias, marionetes confeccionadas com madeira e cortiça e de lentes ópticas. “Esta é a primeira vez que uso uma pesquisa acadêmica como tema para o meu trabalho. Achei o desafio interessante, sobretudo porque foi uma oportunidade de promover a aproximação da ciência da subjetividade. Embora a ciência e a arte lancem mão de linguagens diferentes, elas podem andar juntas em algumas situações. Neste caso, por exemplo, nós compreendemos que a arte é transformadora e a educação também deve ser”, analisa a artista plástica.

Para Luciane Palma, a exposição complementou e ampliou o sentido da sua pesquisa. “Eu gostei muito do resultado final do trabalho. Trocamos muitas impressões ao longo de um ano, sendo que nosso entendimento ocorreu desde logo. Penso que a experiência foi muito valiosa para nós duas”, diz a autora da dissertação.

Durante quatro meses, a educadora Luciane Vieira Palma realizou um mergulho no cotidiano da organização não-governamental Associação Meninos do Morumbi (AMM), entidade que atende cerca de 4 mil crianças e adolescentes de áreas carentes de São Paulo. Nesse período, ela assumiu o duplo papel de aluna e pesquisadora. Seu objetivo era compreender melhor o trabalho da AMM e identificar como os resultados obtidos por ela poderiam eventualmente colaborar para a melhoria do ensino nas escolas.

**AMM faz trabalho importante há 10 anos**

Entretanto, a autora aponta em seu estudo que a prática educativa adotada pela ONG apresenta problemas semelhantes aos encontrados na educação formal. As experiências vividas por Luciane Palma embasaram a sua dissertação de mestrado *No Morumbi, entre meninos e tambores – reflexões sobre a educação a partir da vivência no/do cotidiano de uma Ong em São Paulo*. A pesquisa teve a orientação da professora Maria Teresa Eglér Mantoan, da Faculdade de Educação (FE) da Unicamp, e a defesa foi acompanhada de uma exposição da artista Pama Loiola, que fez a “interpretação plástica” do trabalho acadêmico.

Embora trabalhem com conteúdos e objetivos diferentes, tanto a educação formal quanto a não-formal deveriam buscar, na opinião de Luciane, a construção de um “fazer próprio”, vinculado a uma visão de ensino inovadora. Ocorre, entretanto, que muitas vezes ambas passam ao largo dessa missão, como constatou a educadora em seu estudo. Aliás, ela assinala que não vê sentido nessa distinção. “Desde que uma instituição escolar ou não se dedique à formação de cidadãos, ela tem responsabilidades a cumprir”, afirma. A AMM, conforme a pesquisadora, tem feito um trabalho importante ao longo dos últimos dez anos, promovendo a inclusão social de crianças e adolescentes por meio da arte.

Mas durante a sua experiência como integrante da entidade, Luciane constatou que as práticas educativas empregadas por ela apresentam problemas que se aproximam daqueles experimentados pela escola formal. Um exemplo disso é a forma como a música é ensinada na AMM. No caso da percussão, os movimentos são repetitivos, sem compromisso maior com a cognição. “Sem vínculo com outros aspectos da aprendizagem, essa repetição não faz muito sentido. Afinal, o conhecimento é o



Fotos: Antoninho Perri

A educadora Luciane Vieira Palma: mergulho no dia-a-dia de 4 mil crianças e adolescentes de áreas carentes



Pama Loiola e a instalação montada para a defesa da dissertação: espaço cênico que traduz o trabalho acadêmico

resultado das relações que estabelecemos”, diz. A pesquisadora lembra que, em última análise, essa visão mais ampla sobre as possibilidades e responsabilidades da educação está intimamente ligada àquilo que conhecemos como formação da cidadania.

**Dores do mundo** – No entendimento de Luciane Palma, essa cidadania deve ser compreendida como algo que vai além da vigilância sobre nossos direitos ou o cumprimento de nossos deveres. “Cidadania é a ação que vincula o projeto individual de um sujeito a um projeto co-

letivo”, define. E completa, valendo-se do pensamento de Nilson José Machado, professor da Universidade de São Paulo (USP): “Essa articulação possibilita aos indivíduos, em suas ações ordinárias, em casa, no trabalho, ou onde quer que se encontrem, a participação ativa no tecido social, assumindo suas responsabilidades para com os interesses e o destino de toda a coletividade. Neste sentido, educar para a cidadania significa prover os indivíduos de instrumentos para a plena realização desta participação motivada e competente, desta simbiose entre interesses pessoais e sociais, desta disposição para sentir em si as dores do mundo”.

Luciane adianta que submeterá suas observações à diretoria da AMM, para que ela reflita sobre a conveniência ou não de levá-las em consideração. “Tive a oportunidade de adiantar ao presidente da entidade, Flávio Pimenta, algumas das minhas conclusões. Neste encontro, senti que elas tiveram uma boa receptividade”. Para desenvolver a pesquisa, como dito anteriormente, a educadora viveu as mesmas experiências dos meninos e meninas integrantes da ONG. “Como eles, senti frio na barriga na primeira aula de percussão, medo da prova e receio de ‘fazer feio’ diante dos outros alunos. Ao mesmo tempo, não perdi de vista a minha condição de pesquisadora nem a minha proposta de compreender e analisar melhor as práticas educativas da entidade. Quanto às crianças e adolescentes, todos me acolheram completamente e demonstraram profunda compreensão do meu papel como estudiosa”, relata.

**A AMM** – A Associação Meninos do Morumbi (AMM) foi criada em 1996 com o objetivo de empregar a prática musical como alternativa às drogas e à delinquência juvenil, problemas frequentes na periferia de São Paulo. Atualmente, a entidade tem em seus quadros perto de 4 mil crianças e adolescentes, a maioria de moradores de bairros como Campo Limpo, Paraisópolis, Morumbi, Vila Sônia, Jardim Jaqueline, Real Parque, Caxingui, além dos municípios de Taboão da Serra e Embu. A página do projeto na web ([www.meninosdomorumbi.org.br](http://www.meninosdomorumbi.org.br)) mostra que a agenda do grupo musical tem sido extensa e que “as apresentações se destacam pela qualidade musical, rara em projetos de caráter social”. Cada vez mais requisitados, os Meninos do Morumbi impressionam o público tocando, dançando e cantando mais de vinte arranjos como jongo, maracatu, funk, samba, maxixe e aguerê, o que os diferencia de qualquer outro grupo artístico”.

## LIVROS

### Manual de Identificação dos Invertebrados Marinhos da Região Sudeste-Sul do Brasil

Antonia C. Zacagnini Amaral, Alexandra Elaine Rizzo e Eliane Pintor de Arruda

Acaba de ser lançado o Volume 1 do *Manual de Identificação dos Invertebrados Marinhos da Região Sudeste-Sul do Brasil*, pela Edusp. Trata-se do primeiro resultado do projeto Biota Fapesp – Bentos Marinho, depois de quatro anos de dedicação de pesquisadores da Unicamp, USP e Unesp que mapearam a biodiversidade da costa paulista. O estudo foi tema de reportagem do *Jornal da Unicamp* na edição 301, de setembro de 2005. Os pesquisadores coletaram e identificaram um vasto número de espécies da fauna bentônica: moluscos (caramujos, mariscos), crustáceos (camarões, caranguejos, siris) e poliquetas (minhocas marinhas), muitas delas desconhecidas pela ciência. Antonia Cecília Zacagnini Amaral, professora do Instituto de Biologia (IB) da Unicamp e coordenadora geral da pesquisa, informa que o manual terá ao todo sete volumes.

Páginas: 288 - Tam.: 28x21 cm. - Ano: 2006 - Preço: R\$ 96,00.

### O Brasil tem futuro?

Jaime Pinsky

Num país onde as questões sociais viram motivos de chacota, Jaime Pinsky propõe em seu livro reflexões sobre a situação atual e futura do Brasil, baseado na pergunta que já se tornou tema frequente entre os milhões de brasileiro: “O Brasil tem futuro?”. Questões como “Um país sem caráter?”, “Um país sem educação?”, “Um país sem leitores?”, “Um país sem cultura?”, “Um país sem lei?” e “Um país sem futuro?” dão títulos aos capítulos da obra e dão origem a outras indagações que, reunidas, levam o leitor a um movimento introspectivo que todos devemos percorrer diariamente. O autor lembra aos brasileiros que é hora de sermos protagonistas no palco de mudanças de que tanto se fala e almeja. O livro está sendo lançado pela Editora Contexto. Jaime Pinsky, licenciado em história, foi professor da Unesp, USP e Unicamp, e dirigiu a Editora da Unicamp por quatro anos.

Páginas: 128 - Tam.: 16x25cm - Ano: 2006 - Preço: R\$ 25,00

### Sexo e Poder

Göran Therborn  
Tradução: Elisabete Dória Bilac

Elogiado pela crítica internacional, o livro *Sexo e Poder: a família no mundo, 1900-2000*, do sociólogo sueco Göran Therborn, faz uma análise audaciosa da instituição familiar dos últimos tempos. Compara importantes transformações entre 1900 e 2000 nos principais sistemas familiares mundiais. Para sua análise, destaca três grandes temas. Neles, o leitor depara-se com um volume considerável de dados e informações de todos os gêneros – jurídico-político, histórico, antropológico, demográfico. O autor parte da análise de antigos princípios e indagações e afirma que a família deixou de ser uma mera instituição social imposta pela sociedade e pelos dogmas religiosos para ser fruto de um comportamento mútuo. O livro lançado pela Editora Contexto tem tradução de Elisabete Dória Bilac, pesquisadora do Núcleo de Estudos de População (Nepo) da Unicamp e especializada em estudos da família.

Páginas: 512 - Ano: 2006 - Tam.: 16x 23cm - Preço: R\$ 65,00